

## BANDEIRA, IMPORTADOR DE POESIA

WALTER CARLOS COSTA  
(UFSC)

Manuel Bandeira traduziu muito: poesia, teatro, prosa vária. O que caracteriza principalmente seu constante e amplo trabalho de tradução é a diversidade e o desnível de qualidade dos autores estrangeiros escolhidos. Estes dois fenômenos têm origens distintas, dependendo do texto traduzido: em prosa e teatro o poeta, aparentemente, se curvou ante opções e exigências externas, enquanto que em poesia tudo indica que ele tenha seguido as inclinações mais profundas de sua personalidade literária.

No teatro, Bandeira traduziu textos clássicos como os de Shakespeare e Schiller, o **Auto del Divino Narciso** de Sor Juana Inês de la Cruz, o **Don Juan Tenorio** de Zorrilla e também dramaturgos franceses modernos como Jean Cocteau e Jean Tardieu, vários norte-americanos de qualidade desigual (Sean O'Casey, N. Richard Nash, Thornton Wilder) e, finalmente, Bertolt Brecht e Morris West.

A disparidade, já observada no teatro traduzido é mais flagrante ainda na prosa, onde Bandeira simplesmente parece executar, sem maiores problemas, um trabalho de encomenda. Os 15

livros que o poeta traduziu, como verdadeiro profissional, para as editoras Civilização Brasileira e Companhia Editora Nacional, têm pouco a ver com suas preocupações literárias e são, em sua imensa maioria, textos secundários de autores secundários. Tem-se a impressão que Bandeira encarava essas traduções como uma maneira de ganhar a vida dentro da atividade literária, já que elas lhe serviam, pelo menos, como exercício para um melhor domínio do idioma. Essas traduções podem ser colocadas, desta forma, no grande conjunto de atividades paraliterárias que ele desenvolveu durante toda sua vida, como a organização de antologias, textos de história da literatura e edições críticas.

Em relação à poesia, a postura de Manuel Bandeira é radicalmente distinta. De fato, os poetas traduzidos formam um conjunto absolutamente pessoal e que não segue, de modo algum, o padrão de "bom gosto" estabelecido por críticos e historiadores da literatura. Bandeira buscou em poetas estrangeiros certas "afinidades eletivas" e tudo indica que o trabalho de tradução — entendido ao longo dos anos — cumpriu a função de possibilitar-lhe o desenvolvimento de seus próprios meios expressivos. É evidente que havia um plano de organização de uma antologia pessoal de poemas estrangeiros para uso próprio. Certa preocupação pedagógica — sempre presente em suas atividades de escritor — explica que Bandeira enfeixasse logo esses poemas em livro. Este conjunto de poemas traduzidos (publicados pela primeira vez em 1945 e reeditado várias vezes) forma como que um **pendant** a sua própria obra, à maneira de ilustração prática das fontes estrangeiras de seus procedimentos poéticos.

É sintomático o fato de que Bandeira tenha traduzido apenas um livro completo de um poeta estrangeiro (**Rubaiyat**, de Omar Khayyan) mais ainda quando se considera que em prosa ele atendeu, sem maiores problemas, às solicitações mais desencontradas. De certa forma, ele realizou (com outros critérios, menor abrangência mas com a mesma sistemática) o ideal do **paideuma** poudiano, que levam a cabo Augusto e Haroldo de Campos. Bandeira foi mais importador de **poesia** que de **poetas**. Ele

estava mais interessado em encontrar, nas fontes mais diversas, formas de expressão que correspondessem a sua sensibilidade. Esta atitude do inventor de **Pasárgada** parece coincidir com a de Jorge Luis Borges (de quem, aliás, traduziu um poema): "Hacia el año treinta creía, hajo el influjo de Macedonio Fernández, que la belleza es privilegio de unos pocos autores; ahora sé que es común y que está acechándonos en las casuales páginas del mediocre o en un diálogo callejero. Así, mi desconocimiento de las letras malayas o húngaras es total, pero estoy seguro de que si el tiempo me deparara la ocasión de su estudio, encontraría en ellas todos los alimentos que requiere el espíritu"<sup>1</sup>. O próprio poeta, aliás reconhece ironicamente seu gosto por autores menores: "Não é requintado: gosta de jiló, cinema falado, rádio, mesmo com "friture", e de poetas de segunda ordem"<sup>2</sup>.

**Os Poemas traduzidos**<sup>4</sup> são em número de 139, pertencentes a 54 poetas diferentes. Destes, a maioria pertence a poetas hispano-americanos (25) e espanhóis<sup>5</sup>, seguidos por norte-americanos<sup>7</sup> e britânicos<sup>7</sup>. franceses<sup>7</sup>, alemães<sup>7</sup> e italianos<sup>6</sup>. Há ainda um poeta japonês (Bashô) e um tcheco (Vitezslav Nezval), que Bandeira traduziu provavelmente através de uma língua intermediária (inglês, francês, alemão ou italiano), o mesmo procedimento que utilizara para traduzir Omar Khayyan. Encontramos também três textos que tudo indica serem de holandeses, próximos do poeta mas cujos nomes não pudemos localizar em obras de referência: Dirk Rafaelsz Cumphuisen, H. de Josselin de Jong e Frey Blank. E destes sabemos, contudo<sup>5</sup> que traduziu, junto com Luis Aníbal Falcão os textos do livro **Manuel Bandeira** da série "Poètes d'aujourd'hui", publicado pelas Editions Seghers, de Paris, em 1964. Seis dos sete autores italianos (o outro é São Francisco de Assis) não aparecem nos dicionários de literatura que consultamos. Tampouco pudemos localizar os poetas André Gill, Rafael de la Fuente, Pedro Juan Vignale e Eduardo Ritter Aislán, embora pensemos que os três últimos sejam hispano-americanos. Entre os poetas traduzidos está o brasileiro Jaime Ovalle que, segundo o dicionário Koogan-Larousse<sup>5</sup> deixou um livro inédito em inglês: **The Foolish Bird**.

Do ponto de vista da seleção do material a ser traduzido, Bandeira atuou, pois, de maneira muito pessoal e desenvolta, dando pouca atenção a critérios estritos de qualidade literária. Esta postura recebe um juízo severo de Mario Faustino, que lhe censura "o mau gosto de certas escolhas"<sup>6</sup>. A maioria dos poetas traduzidos por Bandeira apresentam aquelas características apontadas na primeira fase de sua obra por Gilda e Antônio Cândido: "Em Cinza das horas e Carnaval, e mesmo em grande parte de *Ritmo dissoluto*, os ambientes e as coisas correspondem mais ou menos ao que deles espera a sensibilidade média, alimentada de poesia tradicional"<sup>7</sup>. No entanto, esta condescendência tem limites: ao lado dos inúmeros poetas de pouco voo que traduziu, Manuel Bandeira dedica uma atenção especial a alguns grandes. O próprio texto traz marcas claras desta distinção: para os poetas que ele considera menos importantes (os quais parece mais utilizar como material bruto) Bandeira coloca o título do poema em letras maiúsculas e o do autor em minúsculas, em itálico e entre parênteses — por exemplo: CANÇÕES DO JARDINEIRO (*Eugênio Florit*). Aqui, porém, mais uma vez suas opções são, pelo menos surpreendentes: entre os que merecem destaque estão o italiano Araldo Sassone e o nicaraguense Pablo Antonio Cuadra e entre os "degradados" Goethe e Baudelaire. A concessão a certo sentimentalismo está bem presente também na tradução, provavelmente por via indireta, de um trecho de O Profeta de Khalil Gibran.

Os autores especiais de Bandeira se dirigem não só a tantos poetas esquecidos (e dos quais ele recupera um ou outro momento mais iluminado) mas também a duas questões que estariam na ordem do dia apenas décadas mais tarde: a condição de negro e a condição feminina. Bandeira traduz poemas do cubano Nicolás Guillén e do norte-americano Langston Hughes, em que reivindicam orgulhosamente sua sensibilidade negra própria. Por outro lado, as mulheres-poetas estão muito bem representadas com Elizabeth Barrett Browning, Christina Rossetti, Gabriela Mistral, Sor Juana Inés de la Cruz, Elizabeth Bishop e sobretudo Emily Dickinson. Emily Dickinson, juntamente com Hölderlin e Juan Ramón Jiménez constituem o ponto alto de *Poemas traduzidos*, que incluem outros poetas de primeira linha como e.e.

cummings ( que Bandeira escreve E.E. Cummings, normalização ortográfica mais do que reveladora de certo conservadorismo persistente), Verlaine e García Lorca.

Manuel Bandeira adquiriu um prestígio de bom tradutor, mesmo que seus **Poemas traduzidos** não tenham merecido maiores análises até agora. Assim, Alfredo Bosi diz que Bandeira era "homem de **métier**, capaz de compor em todos os ritmos e de traduzir com igual maestria Shakespeare e Hölderlin, Rilke e García Lorca"<sup>8</sup>. admirando-se da "ampla messe de versões exemplares feitas por Manuel Bandeira"<sup>8</sup>. O próprio Mario Faustino, tão cáustico com o poeta, define-o como "um de nossos melhores tradutores"<sup>8</sup>. Já Augusto e Haroldo de Campos — não que provocaram uma verdadeira revolução no campo da tradução de poesia no Brasil — preferem encontrar em Odorico Mendes um precursor para o seu trabalho inovador e, em seus inúmeros artigos, não fazem menção às traduções de Bandeira. Talvez o fato se deva a que as traduções de Manuel Bandeira se situam em um espaço intermediário entre a mera diluição e a incorporação sistemática de procedimentos poéticos inovadores que caracteriza a prática tradutória dos poetas concretos.

Bandeira é, de fato, um importador de poesia mais que de poetas. Sua estratégia é incorporar elementos de poetas estrangeiros que estejam de acordo com o que pretendia criar em sua própria poesia. Por isso coloca o nome de tantos poetas entre parênteses e nunca fornece o texto original nem dá quaisquer informações sobre o poeta e sua obra. Não sendo uma edição bilingüe os **Poemas traduzidos** impõem-se como mais um texto do próprio Bandeira, impedindo o efeito de estranhamento que nasce de toda comparação. Constatamos uma "bandeirização" generalizada dos poemas traduzidos, em que as arestas dos mais criativos são eliminadas, do mesmo modo como é extirpado o sentimentalismo e o mau gosto exagerados dos epígonos. O resultado é uma média alta, próxima à da própria obra do poeta. O leitor brasileiro tem, portanto, uma imagem levemente distorcida da contribuição desses poetas e os que mais perdem, naturalmente, são os mais inventivos.

Assim, Emily Dickinson, Verlaine e Hölderlin (para citar

três dos casos mais significativos) sofrem um processo de equalização. No poema de Emily Dickinson Manuel Bandeira coloca títulos e elimina a grande parte dos ubíquos travessões que imprimem um ritmo tão peculiar à poesia da norte-americana. Verlaine, por sua vez, torna-se menos musical e mais assertivo nas traduções de Bandeira. Quanto a Hölderlin, Bandeira não hesita em alterar, inclusive, a divisão em estrofes e normalizar o uso pouco ortodoxo que caracteriza a linguagem poética do genial alemão. Onde, finalmente, Bandeira está à vontade é com a poesia do fino Juan Ramón Jiménez, de quem ele traduz com uma grande fidelidade de tom nada menos que trinta e duas canções.

Concluindo, poderíamos dizer que **Poemas traduzidos** merecem uma atenção maior porque revelam, por um lado, como um grande poeta brasileiro incorporou certos procedimentos da poesia internacional e, por outro lado, porque constituem um momento importante na história da tradução de poesia no Brasil.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> "Sobre los clásicos", **Otras inquisiones**, in **Obras completas**, Emecé, Buenos Aires, 1974, p. 773.
- <sup>2</sup> "Flash autobiográfico de Manuel Bandeira", João Condé, in **Estrela da Vida inteira**, 12ª edição, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1986, pp. XXXVIII - IX.
- <sup>3</sup> "Poemas traduzidos" in **Estrela da Vida inteira**, edição citada na nota 2, p. 344-449.
- <sup>4</sup> Pongetti, Rio de Janeiro, 1949, 223 p. Este livro bem que mereceria uma reedição.
- <sup>5</sup> Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1982, p. 1422.
- <sup>6</sup> "A poesia 'concreta' e o momento poético brasileiro", in **Poesia-Experiência**, Perspectiva, São Paulo, 1977, p. 211.
- <sup>7</sup> "Introdução" in **Estrela da vida inteira**, op. cit. p. XV.

<sup>8</sup> História concisa da literatura brasileira, Cultrix, São Paulo, 3ª ed., 1985. p. 409 e 544.

<sup>9</sup> Op. cit., p. 211.

